

Acta Scientiarum. Education

ISSN: 2178-5198

ISSN: 2178-5201

Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM

Gonçalves, Ana Teresa Marques; Cunha, Macsuelber de Cássio Barros da
O Fórum de Augusto e seu caráter instrutivo: a história de Roma recriada em pedra
Acta Scientiarum. Education, vol. 40, núm. 3, e40389, 2018, Julho-Setembro
Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v40i3.40389>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303357581009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

EDUEM
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



O Fórum de Augusto e seu caráter instrutivo: a história de Roma recriada em pedra

Ana Teresa Marques Gonçalves* e Macsuelber de Cássio Barros da Cunha

Universidade Federal de Goiás, Av. Esperança, s/n, 74690-900, Goiânia, Goiás, Brasil. *Autor para correspondência. anateresamarquesgoncalves@gmail.com

RESUMO. Este artigo trata sobre o caráter instrutivo presente no Fórum de Augusto, uma das principais construções empreendidas pelo *Princeps* Otávio Augusto no fim do primeiro século a.C. A partir dos estudos acerca dos vestígios arqueológicos e de fontes escritas, objetivamos analisar as principais características e particularidades deste Fórum e em que medida ele se constituía em um lugar de memória, auxiliando na perpetuação de uma história de Roma recriada por Augusto e seu grupo de apoio, na qual o *Princeps* se destacava como legítimo continuador dessa história e o exemplo maior a ser emulado. Dessa forma, o Fórum de Augusto fornecia uma verdadeira aula de história romana, materializando em pedra este passado glorioso, do qual Augusto se colocou como descendente e continuador.

Palavras-chave: arquitetura romana; principado; memória; instrução.

The Forum of Augustus and its instructive character: the history of Rome recreated in stone

ABSTRACT. This article discusses the instructive character present in the Forum of Augustus, one of the principal constructions undertaken by the *Princeps* Octavius Augustus at the end of the first century BC. From the studies about archaeological remains and written sources, we aim to analyze the main characteristics and particularities of this Forum and to what extent it constituted a place of memory, aiding in the perpetuation of a history of Rome recreated by Augustus and his support group, in which the *Princeps* stood out as the legitimate continuator of this history and the greatest example to be emulated; in such a way that the Forum of Augustus provided a true lesson in Roman history, materializing in stone this glorious past, of which Augustus was placed as a descendant and continuator.

Keywords: roman architecture; principate; memory; instruction.

El Foro de Augusto y su carácter instructivo: la historia de Roma recreada en piedra

RESUMEN. Este artículo trata sobre el carácter instructivo presente en el Foro de Augusto, una de las principales construcciones emprendidas por el *Princeps* Octavio Augusto al final del primer siglo a.C. A partir de los estudios acerca de los vestigios arqueológicos y de fuentes escritas, objetivamos analizar las principales características y particularidades de este Foro y en qué medida se constituía en un lugar de memoria, ayudando en la perpetuación de una historia de Roma recreada por Augusto y su grupo de apoyo, en la que el *Princeps* se destacaba como legítimo continuador de esa historia y el ejemplo más grande a ser emulado. De esta forma, el Foro de Augusto proporcionaba una verdadera clase de historia romana, materializando en piedra este pasado glorioso, del que Augusto se colocó como descendiente y continuador.

Palabras clave: arquitectura romana; principado; memoria; instrucción.

Introdução

Na Antiguidade, assim como ao longo dos tempos, a arquitetura, do mesmo modo que as imagens, de maneira geral, detinham um grande poder; um poder didático e, entre outros, de convencimento, político e propagandístico. Otávio Augusto, que deu início à forma de governo que ficou conhecida como Principado, soube se utilizar deste poder a seu favor, se

apropriando de um costume que já estava presente na República (qual seja o de se utilizar da arquitetura e das imagens para ligar o próprio nome a grandes feitos, a deuses, a heróis e assim manter seu nome vivo na memória da posteridade), levando este uso da cultura material a um alto grau de refinamento, grandiosidade e complexidade, conferindo maior monumentalidade à capital do Império.

Otávio Augusto desenvolveu um amplo programa de engrandecimento da cidade por meio da restauração e construção de diversas obras arquitetônicas. Neste período de intensas construções e reconstruções, surgiu o *De Architectura*, de Vitrúvio, um tratado sobre arquitetura de enorme importância para os estudos sobre a arquitetura romana por ser o único deste tipo que chegou aos dias atuais. Essa obra nos ajuda a compreender algumas das práticas arquitetônicas desenvolvidas por gregos e romanos e possuiu estreita relação com a política empreendida por Augusto, visto que lhe foi dedicada, provavelmente em 27 a.C.

Dentre as diversas obras arquitetônicas empreendidas por Augusto em seu governo, tratamos, neste trabalho, sobre o seu Fórum, que ele erigiu depois de realizar diversas intervenções no Fórum Romano, construindo ou concluindo importantes edifícios públicos, e depois de concluir o Fórum de César. Fica clara, com isso, a importância dos fóruns em Roma:

O Fórum foi estabelecido desde o início como o centro político e simbólico da cidade republicana, que passou a ser a capital da Itália no terceiro século a.C., dominando o mundo mediterrâneo através da guerra e da conquista no próximo século. O Fórum foi um espaço público para uma variedade de atividades, incluindo reuniões políticas, distúrbios, combates de gladiadores e funerais (Watkin, 2009, p. 20).

De acordo com Diane Favro (1988), o ‘Fórum romano’, como um ponto focal para energia comunal, não era apenas um espaço aberto em Roma; ele era um receptáculo da consciência coletiva, de modo que, durante a República, cada vida romana girava em torno do Fórum. Além disso, com todos os seus monumentos e edifícios, o ‘Fórum romano’ poderia fornecer uma verdadeira aula sobre a história republicana, já que “[...] cada construção, cada espaço, cada pedra tinha uma história e uma moral, cada indivíduo nomeado ou retratado levantava-se como exemplar” (Favro, 1988, p. 18, tradução nossa).¹

Este aspecto instrutivo estava magistralmente materializado no ‘Fórum de Augusto’, onde esse caráter exemplar de importantes personalidades pertencentes à história de Roma se erguia em pedra e deveria servir de exemplo para a população. Por meio da arquitetura, Augusto demonstrava, assim, seu papel de restaurador da tradição dos antepassados, o *mos maiorum*, de modo que a arquitetura serviu, em seu governo, como lugar de memória, onde esta trabalhava a fim de evitar o

esquecimento de um passado exemplar e do nome e dos feitos de Augusto. Esta memória, ou melhor, as representações produzidas por Augusto acerca de uma memória que seria compartilhada por uma maioria, estava extremamente ligada à história e à mitologia, em tal medida que o Fórum de Augusto e o templo de Marte Vingador, assim como outros importantes monumentos construídos sob seu governo, tinham o relevante papel de resguardar e propagar uma memória efetiva e comum ou uma memória criada por meio da manipulação de um substrato já existente.

Baseando-nos nessas considerações iniciais, nosso objetivo neste trabalho é justamente tratar acerca deste caráter instrutivo presente no Fórum de Augusto, que proporcionou uma espécie de educação informal cuja função didática era dupla, por um lado, perpetuava a memória de um passado glorioso para os contemporâneos de Augusto e, por outro, deveria perpetuar uma memória positiva do governo deste *Princeps* para as futuras gerações.

Analizamos este complexo via documentação escrita, por meios dos autores que mencionaram tal construção, bem como por meio da bibliografia concernente, cujos autores, de modo geral, baseiam seus estudos nos dados arqueológicos provenientes deste complexo arquitetônico.

Fórum de Augusto: memória e instrução

A arquitetura romana, em especial a dos edifícios públicos, possuía uma intrínseca relação com a memória e a história romana. Por um lado, poderia conter as representações escultóricas dos deuses e heróis de um passado lendário presentes no imaginário romano como pertencentes à própria história de Roma; por outro, se ligava de modo imorredouro às pessoas e acontecimentos por trás de sua construção, imortalizando o nome de seus idealizadores e seus feitos, ou relembrando o contexto que deu origem a tal edifício.

A construção de novos templos em Roma sempre esteve ligada a uma noção de prestígio e de engrandecimento do nome por trás de tal empreendimento, ressaltando o comprometimento de seu idealizador para com os deuses e para com o povo. A consagração de um novo templo sempre foi um acontecimento memorável e festivo, que inscrevia o nome do responsável pela obra na memória das futuras gerações, como nos esclarece Eric Orlin:

Os templos romanos, então, serviam não apenas como *loci* para a atividade ritual ao fornecer lugares para a religião romana, mas também como monumentos nos quais as memórias romanas e a história romana residiam. [...] À medida que os espectadores encontram um templo, sua atenção é

¹ “[...] every building, every space, every stone had a story and a moral; every individual named or depicted stood as an exemplar”.

atraída para a pessoa específica que o construiu e o evento específico que ele comemora, e são lembrados, assim, das realizações de seus antepassados e do que significa ser romano (Orlin, 2007, p. 83, tradução nossa).²

Neste aspecto, a arquitetura poderia servir para resguardar e perpetuar a memória e a história romanas, desempenhando um papel instrutivo, ao materializar as representações imagéticas relacionadas a este passado, funcionando assim como um lugar de memória, um lugar onde se representava uma memória que se queria coletiva e compartilhada, algo que Joël Candau³ (2011) chama de metamemória relacionada ao grupo. Estas representações relacionadas com a memória que alguns indivíduos da sociedade romana produziram acerca de uma memória que seria compartilhada por uma maioria estavam extremamente ligadas com a história e com a mitologia.

Podemos englobar nesta perspectiva as construções empreendidas por Otávio Augusto em seu governo, que tinham o importante papel de resguardar e propagar uma memória efetiva e comum ou uma memória criada por meio da manipulação de um substrato já existente. Além disso, tais monumentos ao se perpetuarem pela eternidade na memória de todos, perpetuariam também o nome de seu idealizador, bem como seus feitos notáveis.

Dentre suas inúmeras construções, tratamos aqui do Fórum de Augusto, pois acreditamos que tal construção foi a que melhor desempenhou, em seu governo, este papel pedagógico, proporcionando uma espécie de educação informal cuja função didática era dupla. Por um lado, perpetuava a memória de um passado glorioso para os contemporâneos de Augusto, e por outro perpetuaria uma memória positiva do governo deste *Princeps* para as futuras gerações.

O Fórum de Augusto possuía o templo dedicado a Marte Vingador em local de destaque. De acordo com a tradição, este templo teria sido prometido em 42 a.C. quando da batalha de Filipos, contra os

assassinos de César (Suetônio, *De Vita Caesarum, Divus Augustus*, XXIX; Ovídio, *Fasti*, V, 569-578). Além disso, o templo também comemorava a recuperação dos estandartes que estavam em poder dos Partos desde 53 a.C. A volta dos estandartes a Roma, apesar de ter sido por meio de um acordo diplomático e não por meio de uma grande conquista de âmbito militar, representou uma grande vitória para o povo romano e estava carregada com toda uma carga simbólica significativa, pois no imaginário romano os Partos sempre representaram uma ameaça, um obstáculo quase intransponível, um inimigo praticamente invencível, contra o qual sempre se esperou uma revanche pela morte ignominiosa de Crasso. Essa revanche tantas vezes planejada e tentada por Marco Antônio, no período do Triunvirato, enfim havia sido realizada por Augusto; pelo menos assim foi o que se fez propagar por diversos meios, como, por exemplo, nas *Res Gestae* (XXIX).

O templo seria, pois, o local que guardaria tais estandartes. Apesar de ter sido prometido em 42 a.C., não se sabe com certeza a data do início das obras, nem do templo, nem do Fórum, embora muitos estudiosos tenham lançado suas hipóteses. De acordo com John W. Stamper (2005), as obras do Fórum teriam se iniciado por volta de 37 a.C., embora tendo maior impulso somente na década de 20 a.C.. Para Brad Johnson (2001), Augusto teria iniciado as obras depois de 29 a.C., pois a vitória no Egito teria garantido os recursos necessários para tal. Tanto para Lothar Haselberger (2007) quanto para Joseph Geiger (2008), o *Princeps* teria formulado os planos de erguer o complexo arquitetônico (o Fórum e o templo) por volta de 19/18 a.C. Hipóteses à parte, o que é certo é que o templo prometido em 42 a.C. foi consagrado apenas no ano de 2 a.C., embora o Fórum já houvesse sido inaugurado antes desta data, como afirma Suetônio (*De Vita Caesarum, Divus Augustus*, XXIX).

Há ainda outra questão controversa quanto ao templo de Marte Vingador, pois alguns estudiosos, dentre eles Haselberger (2007), defendem a existência de duas construções dedicadas a Marte Vingador, de modo que após Augusto recuperar os estandartes dos Partos, ele teria construído, com a aprovação do Senado, um pequeno templo sobre o Capitólio, dedicado a Marte Vingador, cuja finalidade seria a de abrigar temporariamente tais estandartes, função que teria desempenhado até o ano de 2 a.C., quando os estandartes teriam sido transferidos definitivamente para o templo maior de Marte Vingador, localizado no Fórum de Augusto; já outros estudiosos, como J. W. Rich (1998), acreditam que um pequeno templo dedicado a

² Roman temples, then, served not only as the loci for ritual activity in providing places for Roman religion, but also as monuments in which Roman memories and Roman history resided. [...] As viewers encounter a temple, their attention is drawn to the specific person who built the temple and the specific event it commemorates, and are thus reminded of the accomplishments of their ancestors and of what it means to be Roman.

³ Joël Candau (2011, p. 23-24, grifo do autor) faz uma diferenciação da memória em três tipos: a protomemória, relacionada com os "saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade, [...] é uma memória imperceptível, que ocorre sem tomada de consciência"; a memória propriamente dita, relacionada às recordações ou lembranças; e a metamemória, que é a "representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, [...] metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva." Enquanto representação, a metamemória pode ser relacionada, em nível de sociedade, com a expressão 'memória coletiva', ou seja, "um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo".

Marte Vingador, sobre o Capitólio, nunca chegou a ser construído, mesmo que tenha sido planejado. Não há indícios arqueológicos que comprovem a existência do pequeno templo de Marte Vingador no Capitólio, de forma que não nos posicionamos quanto a sua existência ou não, já que nosso objetivo é analisar o Fórum de Augusto juntamente com o templo de Marte Vingador que fazia parte deste complexo arquitetônico.

O que nos interessa frisar é que tal complexo arquitetônico possuiu grande importância no governo de Augusto e em sua política de restauração e construção em Roma:

De fato o *Forum Augustum*, com o templo de *Mars Ultor*, foi o último e definitivo grande empreendimento na reconstrução de Roma. A renovação dos templos que ficaram em ruínas durante as gerações de guerra civil, o grande Relógio Solar, a *Ara Pacis*, o Panteão de Agripa, e até mesmo a construção do Mausoléu de Augusto, para abrigar os restos mortais dele e os de sua família, tudo precedeu àquele grande projeto (Geiger, 2008, p. 57, tradução nossa).⁴

O complexo arquitetônico construído por Augusto era grandioso. Seu fórum se constituía de um amplo espaço aberto, retangular, medindo aproximadamente⁵ 125 metros de comprimento por 85 de largura, no qual se encontrava, em lugar de destaque, o templo de Marte Vingador, a nordeste, exatamente de frente à entrada principal do Fórum que se localizava a sudoeste (Figura 1). Do ponto de vista do observador que adentrasse no Fórum por esta passagem principal, o templo estaria numa posição de destaque, centralizado ao fundo, tendo à sua frente apenas a magnífica estátua de Augusto numa quadriga⁶, estátua honorífica oferecida a ele pelo Senado, na qual poderia se ler na inscrição colocada em sua base o título honorífico de *Pater Patriae*. Fechando toda a lateral direita e esquerda do Fórum havia pórticos com outras entradas de acesso. Atualmente⁷, sabe-se que tais pórticos possuíam uma êxedra⁸ em cada uma de suas extremidades, totalizando um total de quatro êxedras, embora as duas próximas à entrada principal do fórum eram ligeiramente menores do que aquelas próximas ao

templo, de modo que “[...] parece seguro afirmar que diferiam das primeiras apenas pela ausência de grupos maiores de escultura em seu centro, que corresponde aos das primeiras êxedras” (Geiger, 2008, p. 118, tradução nossa).⁹

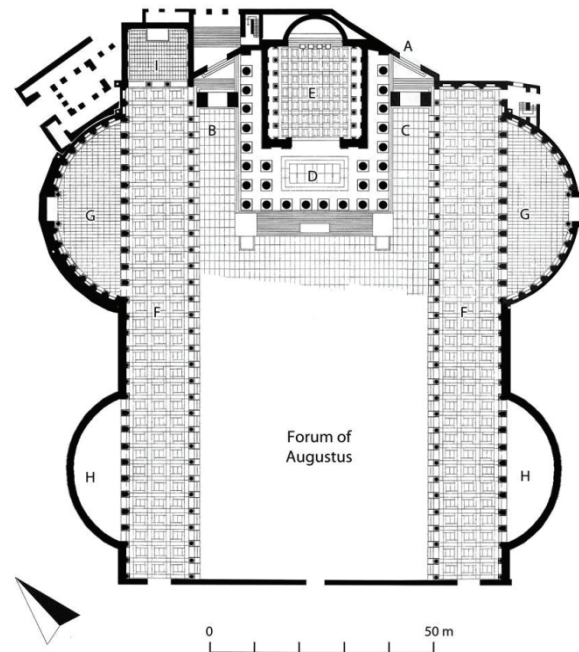


Figura 1. Planta do Fórum de Augusto: A, Arco dei Pantani; B, Arco de Druso; C, Arco de Germânico; D, pronaos do Templo de Marte Vingador; E, cela do Templo de Marte Vingador; F, pórticos; G, êxedras maiores; H, êxedras menores; I, Salão do Colosso (Shaya, 2013, p. 86).

O templo de Marte Vingador reluzia, feito em mármore branco de Luna, no qual no frontispício podia se ver, ao centro, a figura de Marte. À sua direita e esquerda ficavam as figuras da Fortuna, segurando uma cornucópia e um leme, e Vênus com um Cupido e um cetro. Ao lado delas se encontravam, respectivamente, as figuras sentadas de Roma sobre uma pilha de armas e Rômulo vestido de pastor segurando o bastão, ou *lituus*, de um águia. As figuras reclinadas localizadas nas pontas do frontispício eram representações do Palatino e do Tibre.¹⁰ A colonata do templo era um octóstilo, ou seja, possuía oito colunas sob o frontispício. O templo estava sobre um alto pódio que media 50 metros de comprimento por 36 de largura e possuía, à frente, uma escadaria com dezessete degraus em mármore.

A praça aberta do Fórum também era pavimentada com mármore branco para contrastar

⁴ In fact the *Forum Augustum*, with the Temple of Mars Ultor, was the last and ultimate major enterprise in the rebuilding of Rome. The renovation of the temples which had become dilapidated during the generations of civil strife, the great Sundial, the *Ara Pacis*, the Pantheon of Agrippa, and even the construction of the Mausoleum of Augustus, to house his and his family's remains, all preceded that grand project.

⁵ Não se sabe as dimensões exatas do Fórum de Augusto, já que ele ainda não foi completamente escavado e parte dele (no lado sudoeste) se encontra sob a *Via dei Fori Imperiali* (Stamper, 2005).

⁶ Não há certeza quanto à presença ou não da figura de Augusto nesta quadriga.

⁷ Acreditava-se que só havia duas êxedras, mas a partir de recentes escavações, descobriu-se que na realidade tais pórticos possuíam uma êxedra em cada uma de suas extremidades, ou seja, um total de quatro êxedras.

⁸ Recinto semicircular, coberto.

⁹ “[...] seems safe to assume that they differed from the first ones only in the absence of larger sculptural groups at their centre, corresponding to those in the first hemicycles”.

¹⁰ A maioria dos dados referentes às imagens contidas no frontão do templo se dá a partir de representações onde o templo aparece em segundo plano.

ainda mais eficazmente com as colunatas amarelas e avermelhadas dos pórticos à direita e esquerda, que eram feitas de mármore *giallo antico* extraídos na Númídia. O segundo andar das colunatas, em que na decoração figuravam Cariátides e escudos, era também em mármore branco. O mármore usado para o pavimento do templo era, além do *giallo*, o *africano* e *pavonazzetto*, sendo que este último também se encontrava nas colunas do interior do templo. Os pavimentos das outras construções eram igualmente bastante coloridos e diferenciados um do outro por sua composição. O chão de mármore dos pórticos estava disposto em grandes desenhos quadriculados de *bardiglio* cinza azulado, juntando uma praça central de *africano* com uma borda retangular de *giallo*. Nos locais onde os pórticos tomavam a forma de êxedra semicircular, o pavimento mudava para um padrão de xadrez de *africano* e *giallo*. Na parte traseira da êxedra do norte estava o ‘Salão do Colosso’, que abrigava uma monumental estátua possivelmente de Alexandre e, depois da morte de Augusto, uma estátua dele próprio. Seu pavimento xadrez era feito em *pavonazzetto* e *giallo*, materiais que também estavam em pilastras e colunas. Outros elementos do Fórum eram feitos de *cipollino*, um mármore com tonalidade esverdeada (Galinsky, 1998).

Devemos ressaltar a relação que este complexo arquitetônico possuía com o Fórum de César, de modo que podemos dizer que este serviu de influência para aquele, pois, assim como o Fórum de César, o de Augusto era um grande espaço retangular, com pórticos nas laterais e com um templo centralizado em uma de suas extremidades, ocupando lugar de destaque. Além disso, apesar do templo de Marte Vingador ser maior que o de *Venus Genetrix*, ambos apresentavam plantas semelhantes e possuíam a mesma tipologia no que se refere ao intercolúnio:

O Fórum de Augusto estava intimamente ligado com o Fórum de César, que Augusto terminou de construir antes do trabalho sério iniciado no seu próprio Fórum. Os deuses dos templos dos dois fóruns complementavam um ao outro: Vênus *Genetrix* era a ancestral dos romanos e da *gens* Júlia, cujos ilustres descendentes povoavam o ‘Hall da Fama’, enquanto Marte era o ancestral romano. O templo no Fórum de César foi o primeiro templo romano com uma abside, uma inovação que também foi usada no templo de *Mars Ultor* (Galinsky, 1998, p. 208, grifo do autor).¹¹

O Fórum de César foi concluído por Augusto, provavelmente na década de 20 a.C., o mesmo período em que ele deve ter iniciado a construção de seu próprio Fórum, o que faz Geiger (2008) sugerir que, ao menos inicialmente, Augusto concebeu todo o seu Fórum como uma homenagem a César. Aceitando ou não esta hipótese, a relação e a semelhança entre os dois Fóruns são inegáveis. No entanto,

Apesar de sua dívida àquele de Júlio César, o Fórum de Augusto é consideravelmente mais sofisticado na intenção e execução. Focando não apenas a família do novo *princeps* e seu lugar na história romana, o Fórum de Augusto era uma declaração arquitetônica e artística da República restaurada. Certamente nenhum monumento romano demonstra mais habilmente a perfeita mistura de passado e presente, público e privado, nacional e estrangeiro, republicano e imperial (Gowing, 2005, p. 138, tradução nossa).¹²

Mesmo com toda a grandiosidade do Fórum de Augusto, esse enorme projeto não se afastou em qualquer sentido real dos grandes projetos de outros governantes do mundo antigo e não adicionou uma verdadeira noção nova às ideias existentes. De fato, não havia uma diferença significativa entre o Fórum de Augusto e o de seu pai, completado por ele alguns anos antes. Sua grande inovação foi o ‘Hall da Fama’, a Galeria de Heróis (Geiger, 2008), pois ao longo das paredes de ambos os pórticos havia diversos nichos retangulares, nos quais estavam dispostas as estátuas de personalidades importantes para a história de Roma, sejam elas históricas ou lendárias, os *summi viri*, dos quais falamos mais à frente.

O templo de Marte Vingador era um dos símbolos da força de Roma. Sua relação com a esfera militar era enorme, não só por ser um templo dedicado ao deus da guerra ou por ter sido construído em homenagem a vitórias militares, contra os assassinos de César e contra os Partos, mas também pelas funções que passou a desempenhar. Convém ressaltar que o templo de Marte Vingador era um templo manubial¹³, ou seja, um templo construído a partir de espólios de guerra, as riquezas advindas dos inimigos derrotados, como o próprio Augusto afirma: “Construí em terreno particular e com espólios de guerra o templo de Marte Vingador

¹¹ The Forum Augustum was closely linked with the Forum of Caesar, which Augustus finished building before serious work began on his own. The deities of the two forum temples complemented one another: Venus Genetrix was the ancestress of the Romans and Julians whose illustrious scions populated the ‘Hall of Fame’, while Mars was the Roman ancestor. The temple in Caesar’s forum was the first Roman temple with an apse, an innovation that was used for the Temple of Mars Ultor also.

¹² Despite its debt to that of Julius Caesar, the Forum of Augustus is considerably more sophisticated in intent and execution. Focusing not merely on the new *princeps’* family and its place in Roman history, Augustus’ Forum was an architectural and artistic declaration of the restored Republic. Certainly no Roman monument more ably showcases the seamless blending of past and present, public and private, domestic and foreign, Republican and imperial.

¹³ De acordo com Orlin (2002), não há um consenso com relação a uma definição precisa do termo *manubiae*, de modo que podemos afirmar apenas que o termo se refere aos espólios de guerra e que os generais vitoriosos possuíam a iniciativa de organizar sua distribuição.

e o Fórum de Augusto” (Augustus, *Res Gestae Divi Augusti*, XXI, tradução nossa).¹⁴

O complexo arquitetônico do Fórum de Augusto desempenhou um importante papel na perpetuação de uma memória relacionada a um passado glorioso, materializando a história de Roma, da qual Augusto se colocava como legítimo continuador, inscrevendo seu nome e seus feitos na memória das futuras gerações, aspecto este destacado por Vitruvius ao afirmar:

[...] verifiquei que edificaste e edificas no momento presente muitos monumentos e no futuro te preocuparás com edifícios públicos e privados, para que sejam entregues à memória dos vindouros como testemunho dos feitos notáveis (Vitruvius, *De Architectura*, I, Pr, 3, tradução nossa).¹⁵

O termo ‘memória’, utilizado por Vitruvius, se relaciona aqui a tudo aquilo que seria recordado, lembrado, de forma que para ele as construções serviriam como gatilho mnemônico, permitindo que as futuras gerações, ao ver tais construções, se recordassem do nome e dos feitos por trás de tais obras. Este trecho do *De Architectura* é significativo, pois demonstra a relação existente entre a arquitetura e a memória, tanto quanto demonstra a preocupação de Vitruvius e de Augusto com relação a este aspecto. Vemos deste modo o importante papel desempenhado pelos monumentos augustanos de resguardar e imortalizar uma memória, em certa medida, selecionada pelo Imperador e seu grupo de apoio, visto que em seu Fórum ele se utilizou da mitologia para mostrar-se descendente de uma linhagem divina. Os monumentos augustanos, e em especial o seu Fórum, funcionavam, assim, como um lugar de memória, um local onde o passado deveria ser perpetuado.

Além disso, esta memória, que encontrou lugar na arquitetura, modelava o homem e era por ele modelada (Candau, 2011). Modelava o homem na medida em que lhe permitia visualizar, por exemplo, os mitos e as histórias que conhecia desde criança, podendo contribuir mesmo para sua formação identitária, visto que a arquitetura possuía um aspecto pedagógico, um valor didático, de tal forma que numa sociedade oralizada, cuja grande maioria da população era iletrada, as representações bidimensionais e tridimensionais presentes na arquitetura possuíam um importante papel instrutivo, pois materializava as histórias transmitidas de geração em geração, ajudando, assim, na transmissão e compartilhamento dos conhecimentos relacionados à história de Roma.

E a arquitetura era pelo homem modificada, pois este podia manipulá-la e usá-la de acordo com seus interesses políticos, por exemplo ao ressaltar na arquitetura determinadas histórias ou variantes de mitos em detrimento de outras, o que pode ser visto no Fórum de Augusto, pois percebemos em sua iconografia a relação propagada por Augusto entre ele e uma linhagem divina, ligando-se à história de Roma e a personagens como Eneias, Rômulo, Marte e Vênus. De acordo com John Scheid (2003), a utilização do mito de Tróia, no governo de Augusto, serviu diretamente aos seus interesses políticos e religou a história de Roma àquela da Grécia mítica.

Paul Zanker (2005) ressalta que o mais decisivo no programa iconográfico do Fórum de Augusto, no que se refere à parte mitológica, foi a combinação entre o mito de Tróia e a lenda de Rômulo, em tal medida que, do modo como Virgílio a havia grafado, Augusto era o principal representante de uma linhagem divina que possuía Marte e Vênus como antepassados, já que Eneias, filho de Anquises e Vênus, era visto com um dos mais importantes antepassados da *gens Iulia*, por ser ele o pai de Ascânio/Iúlio que, como se dizia, havia fundado a cidade de Alba Longa. Desta linhagem descendia Reia Silvia, que, seduzida por Marte, engravidou e deu à luz os gêmeos Rômulo e Remo, sendo Rômulo o fundador de Roma e seu primeiro Rei.

Estes ilustres personagens possuíam lugar de destaque no Fórum. A começar pelas imagens dos deuses Marte e Vênus, cujas estátuas cultuais, ao que tudo indica, ocupavam postos notórios tanto no frontispício do templo como em seu interior. Além disso, nos pórticos e nas êxedras localizadas mais próximas ao templo, figuravam as estátuas de importantes personalidades da história romana:

Ele encheu seu fórum de imagens e inscrições que comemoraram a expansão do Império através do tempo. Famoso por alegar que encontrou Roma uma cidade de tijolos e transformou-a em mármore, Augusto realizou uma transformação da história pública de Roma que foi igualmente impressionante: ele tornou-a um grandioso arranjo imperial de mármore e monumentos. Nos *summi viri*, 753 anos de história romana estavam em pedras que pareciam garantir a própria permanência das ideias lançadas nelas. E todas as pedras e suas histórias pertenciam ao ainda mais magnífico Fórum de Augusto (Shaya, 2013, p. 89, tradução nossa).¹⁶

¹⁴ “In privato solo Martis Vitoris templum forumque Augustum ex manibus feci”.

¹⁵ “[...] animadverti multa te aedificavisse et nunc aedificare, reliquo quoque tempore et publicorum et privatorum aedificiorum, pro amplitudine rerum gestarum ut posteris memoriae traderentur, curam habiturum”.

¹⁶ “He filled his forum with images and inscriptions that commemorated the expansion of the empire through time. Famous for claiming that he found Rome a city of brick and turned it into one of marble, Augustus performed a transformation of the public history of Rome that was equally impressive: he made it a grand imperial affair of marble and monuments. In the *summi viri*, 753 years of Roman history were in stones that seemed to guarantee the very permanence of the ideas cast into them. And all the stones and their stories belonged to the even more magnificent Forum of Augustus”.

As êxedras possuíam dois andares e tinham nichos entre as pilastras em ambos os níveis. O nicho central, em cada uma das êxedras, era maior do que os outros, tanto em largura quanto em altura, e continham as estátuas de Eneias carregando Anquises e segurando a mão de Ascânio, na êxedra noroeste, e a de Rômulo levando os *spolia opima*, na sudeste. Os descendentes da *gens Iulia* estavam alinhados no lado de Eneias, e os *summi uiri* de Roma ao lado de Rômulo.

De acordo com Harriet I. Flower (1996), a dedicação no templo de Marte Vingador dos estandartes recuperados dos Partos era um equivalente aos *spolia opima* carregados por Rômulo, o primeiro triunfador, conectando-o a Augusto, o novo fundador de Roma. Para esta autora, foi através destas imagens triunfais que Augusto se conectou com os *summi uiri* que não eram diretamente ligados a ele; mediante sua ancestralidade troiana, Augusto foi capaz de estender a comparação a começar de Eneias, o que lhe permitiu incluir a série de reis albanos entre seus ancestrais.

É perceptível, portanto, a estreita relação da construção do Fórum de Augusto com sua política, que sabia unir o engrandecimento da capital do Império através das obras públicas, com a valorização do passado e das tradições dos antepassados, o *mos maiorum*, manipulando a memória e as representações imagéticas desta memória e do imaginário de sua época. Com isso, conseguiu-se ligar a sua história com o passado mítico de Roma, estabelecendo um elo entre presente, passado e futuro.

Augusto se apropriou do passado de modo a recriar uma história na qual o seu nome e o de sua família estivessem diretamente conectados a uma linhagem de origem heroica, se ligando a personagens como Marte, Vênus, Eneias e Rômulo. Com a construção de seu Fórum, Otávio Augusto possibilitou um lugar onde a população poderia ter acesso direto às representações desta história recriada por ele. O Fórum se tornou, assim, um lugar de instrução e de socialização desta memória selecionada e propagada por Augusto. De acordo com Louise Revell (2009), Augusto usou a iconografia de seu Fórum como um caminho para recriar uma história de Roma que respondesse a suas necessidades políticas:

Além disso, assim como Augusto criou um passado mítico para reforçar seu próprio poder político, a adoção daqueles mesmos mitos como um patrimônio comum pelo povo do Império ainda recriou este poder. Mitos tais como aquele de Rômulo e Remo vieram a simbolizar um sentido compartilhado da história, ao mesmo tempo mantendo a aura do poder imperial (Revell, 2009, p. 107, tradução nossa).¹⁷

¹⁷"In addition, as Augustus created a mythical past to reinforce his own political power, so the adoption of those same myths as a communal heritage by people

Percebemos no governo de Augusto e em seus monumentos a posição privilegiada conferida aos mitos de Tróia e de Rômulo, mitos que contavam a origem do povo romano, de suas instituições e de seus líderes. Para Scheid (2003), esta preferência se deu por alguns motivos; primeiramente, porque este tema mitológico permitiu a um grande número de romanos, e particularmente cidadãos, participar neste processo de reflexão. Em segundo lugar, porque esta restrição está de acordo com a inclinação romana pela mitologia que focava temas históricos, patrióticos e institucionais. E por fim, porque as narrações míticas faziam parte do círculo das operações simbólicas, pois, mesmo havendo aqueles que duvidavam da veracidade dos mitos, esta não era uma condição *sine qua non* para a eficácia do gênero. O autor conclui declarando sua opinião de que a mitologia do período augustano cumpriu uma função social e intelectual ativa.

Ao materializar os mitos e a história romana em seus monumentos, o Imperador recriou uma história de Roma que culminava de modo glorioso em seu governo. Augusto recriou o passado, vinculando sua história com a história de Roma, e ainda a conectou com o presente e o futuro do Império. Ele buscou demonstrar que consigo o futuro seria um tempo de harmonia e progresso, de paz e prosperidade; enfim, de grandiosidade e de glória.

O período augustano não era somente um período de reforma, de renascimento e de reconstrução, mas também em grande medida um tempo que olhava para trás e pensava sobre as conquistas e deficiências do passado. Nenhuma reorganização satisfatória do Estado e da sociedade poderia ter lugar sem considerar os homens e os princípios éticos que tinham feito da República algo grande [...]. Sem ser consciente do passado, não era possível nem reconhecer as grandes realizações do presente, nem perceber que no futuro não poderia existir o retorno aos erros do passado (Geiger, 2008, p. 35, tradução nossa).¹⁸

O Fórum de Augusto se transformava, assim, numa verdadeira lição visual da história e da grandeza de Roma. Sob esta perspectiva, Geoffrey Sumi (2005) defende que a restauração e valorização do passado, demonstradas pelo *Princeps*, tiveram

of the empire further recreated this power. Myths such as that of Romulus and Remus came to symbolize a shared sense of history, whilst at the same time maintaining the aura of imperial power".

¹⁸The Augustan Age was not only an age of reform, of renaissance and of reconstruction, but also to a considerable extent an age looking back and summing up the achievements and the deficiencies of the past. No satisfactory reorganization of state and society could take place without considering the men and the ethical principles that had made the Republic great [...]. Without being aware of the past it was possible neither to recognize the great achievements of the present nor to realize that in the future there could be no returning to the mistakes of that past.

força ainda maior na topografia da Roma de então, onde a lembrança do *status* de cidade como capital de um Império mundial era visível em toda parte, e que talvez o efeito esperado por Augusto fosse o de uma “[...] demonstração que a Roma dele era a ligação entre a gloriosa Roma do passado e seu futuro próspero” (Sumi, 2005, p. 245, tradução nossa).¹⁹

Na obra de Vitrúvio, percebemos a relação que este estabeleceu com o passado, lugar onde se deveria buscar a inspiração, os modelos e referências para uma arquitetura que dignificasse ainda mais a *Urbs*. Nesta busca de inspiração através do que os antigos transmitiram destacam-se principalmente as instruções e teorias desenvolvidas pelos gregos antigos, pelo menos no que se refere à arquitetura de templos, sendo que as demais construções estavam mais livres da teoria grega e mais relacionadas aos costumes itálicos de construção, como, por exemplo, na edificação de fóruns.

Augusto se utilizou das representações da memória, ligando-se a ela e tornando-a uma memória cada vez mais forte, ou seja, uma “[...] memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo” (Candau, 2011, p. 44) e que pode ser, depois de reformulada, memorizada coletivamente, pois se assenta e se enraíza em uma tradição cultural, qual seja a da glorificação e elogio dos heróis e de suas linhagens. Assim como a escrita possibilitou a estocagem de informações cujo caráter fixo pode fornecer referenciais coletivos de maneira mais eficaz que a transmissão oral²⁰, a arquitetura monumental possibilitava o mesmo e permitia a socialização da memória, ou seja, sua difusão para um maior número de pessoas por todo o Império. Deste modo, a monumentalidade do Império conseguida através da arquitetura inscreveria o nome de seu idealizador, neste caso Augusto, na memória das futuras gerações e na história de Roma, pois perpetuaria e imortalizaria os feitos deste soberano.

Augusto tinha que certificar-se, seguindo Vitruvius ainda mais, que a construção de seus monumentos devia permitir à grandeza de seus feitos sobreviver na memória da posteridade; ele tinha que certificar-se que, em adição ao que ele já tinha construído e estava construindo, sua preocupação ‘tanto com edifícios públicos quanto privados’ permanecia ativa para o futuro (Haselberger, 2007, p. 28, grifo do autor, tradução nossa).²¹

Augusto soube, portanto, utilizar a arquitetura monumental em proveito da valorização de sua imagem, percebendo e se utilizando do papel da arquitetura enquanto um lugar de memória.

A razão fundamental de ser de um lugar de memória, observa Pierre Nora, ‘é a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte’. [...] A função identitária desses lugares fica explícita na definição que é dada a eles pelo historiador: ‘toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer’. Um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha (Candau, 2011, p.156-157, grifo do autor).

No *De Architectura*, Vitruvius enaltece a preocupação de Augusto pela construção de edifícios públicos e privados, deixando claro para o Imperador sua certeza de que a construção de monumentos ajudava a perpetuar o nome e os feitos daquele por trás de tais construções, pois inscrevia seu nome na memória das futuras gerações como um exemplo a ser seguido. Porém, Vitruvius vai além, pois não somente relaciona a arquitetura com a memória, como busca também colocar seu próprio nome na memória dos vindouros, através de seus escritos. Com isso, vemos a semelhança de interesses de Augusto e Vitruvius, pois ambos buscavam, cada um a sua maneira, imortalizar seus nomes e inscrevê-los na memória das futuras gerações.

Os *Summi Viri* e seu Caráter Exemplar

Devemos ressaltar aqui a estreita relação entre a história contada no Fórum de Augusto e seu caráter exemplar, pois o passado que Augusto alegou restaurar possuía uma função exemplar, tal como podia ser visto em seu Fórum e nos pórticos repletos de representações dos grandes homens do passado e que eram, em algum aspecto, exemplos a serem seguidos.

Podemos perceber este aspecto exemplar dos *summi viri* na obra de Suetônio (*De Vita Caesarum, Divus Augustus*, XXXI), na qual ele ressalta a importância da homenagem que foi prestada à memória dos generais, bem como demonstra em que medida tais estátuas honoríficas serviam de exemplo a partir do qual tanto Otávio como os vindouros deveriam aprender e se inspirar. Nas palavras de Suetônio, Augusto:

Prestou à memória dos generais uma homenagem próxima à dos deuses imortais, pois, partindo do nada, tinham dado ao povo romano o poder

¹⁹ “[...] demonstration that his Rome was the link between Roma's glorious past and its prosperous future”.

²⁰ Ideia defendida por Candau (2011, p. 107-108), para quem a tradição escrita também facilitou o “[...] trabalho dos portadores, guardiões e difusores da memória [...]”, permitindo sua socialização.

²¹ Augustus also had to make sure, following Vitruvius further, that his built monuments should enable the greatness of his deeds to survive in the memory of

posterity; he had to make sure that, in addition to what he had already built and was building, his concern for “both public and private buildings” remained active for the future.

supremo. E, assim, restaurou os monumentos de cada um deles com suas inscrições remanescentes e dedicou estátuas com uma imagem triunfal²² de todos em um e outro pórtico de seu Fórum, tendo declarado num edito que tinha imaginado isso para que não só ele próprio, enquanto visse, mas também os príncipes dos tempos vindouros fossem avaliados pelos cidadãos segundo o exemplo daqueles (*De Vita Caesarum, Divus Augustus*, XXXI, tradução nossa).²³

Com relação ao caráter exemplar do passado, Matthew Roller (2009) nos lembra da *historia magistra uitae* de Cícero e esclarece que:

Subjacente a esta visão ‘exemplar’ do passado está a suposição de que o passado ocupa um espaço de experiência contínuo com ou homólogo ao presente, e, portanto, encontra-se aberto a imediata apreensão pelos atuais atores. Esta homologia ou continuidade – o quadro que convincentemente subordina e conecta passado e presente – é principalmente ética, uma vez que os valores morais (piedade, valor, confiança, prudência, etc.) incorporados em ações passadas são assumidos a permanecer constante e diacronicamente válidos (Roller, 2009, p. 215, grifo autor, tradução nossa).²⁴

Este autor propõe que esta ‘exemplaridade’ é um discurso, um coerente sistema de símbolos que organiza e representa o passado de um modo particular e assim facilita um modo também particular de conhecê-lo. Para ele, este discurso produz seu modo de conhecer o passado através de quatro operações sequenciais: 1- Alguém realiza uma ação perante os membros da comunidade romana, os quais consistem naqueles que compartilham um conjunto particular de práticas, orientações e valores, isto é, o *mos maiorum*; 2- Essa audiência avalia suas consequências para a comunidade, julgando-a ‘boa’ ou ‘ruim’ em relação a um ou mais destes valores compartilhados. Tal ação passa a se constituir um ‘feito’ normativo, potencialmente capaz de transmitir valores ou estimular a imitação; 3- O feito, seu executante e o(s) julgamento(s) passam a ser comemorados, e assim disponibilizados a uma mais ampla audiência

de contemporâneos e para a posteridade, através de um ou mais monumentos; 4- As pessoas que encontram tais monumentos, e assim sabem de um feito e sua recepção, são intimadas a aceitar tal feito como normativo – isto é, ou como um padrão moral para avaliar a ação de outros atores, ou como um modelo de ação para elas próprias imitarem ou evitarem. Estes expectadores podem, além disso, criar outro monumento para o feito, mesmo distante no tempo ou espaço. Certamente tais expectadores nem sempre concordam com os julgamentos que eles encontraram sedimentados no monumento original, podendo, por exemplo, analisar o feito de um modo oposto ao que foi representado (Roller, 2009).

Aceitando estas noções desenvolvidas por Roller (2009), podemos estabelecer uma relação entre estas operações e o Fórum de Augusto, pois este complexo arquitetônico, como um todo, possuía esta função pedagógica de instruir a população quanto ao caráter exemplar das personalidades da história romana selecionadas para figurar no Fórum. Tais exemplos presentes neste passado glorioso deveriam ser emulados, assim como o próprio *Princeps*, exemplo de maior destaque, já que toda a história contada em seu Fórum culminava nele, como o legítimo continuador deste passado:

A galeria de heróis de Augusto era um lugar de memória, mas significava acima de tudo um lugar de instrução. Ela exibia o passado, mas sua mensagem era para o presente e para o futuro (Geiger, 2008, p. 24).²⁵

O Fórum, e mais precisamente o Templo de Marte Vingador localizado nele, comemorava os feitos do *Princeps*²⁶, tanto a vingança aos assassinos de César, quanto a retomada dos estandartes que estavam em mãos partas; estes feitos possuíam estreita relação com os valores compartilhados então, dentre eles a *pietas*.

Além disso, a galeria de heróis, na qual Augusto dispôs estátuas honoríficas de importantes personalidades da história romana, também se relaciona com as operações de Roller (2009), na medida em que tais estátuas eram monumentos erigidos por Augusto que, em alguns casos, faziam menção ou mesmo substituíam outros já existentes e que, por sua vez, homenageavam grandes homens e seus feitos para a República. Além disso, como afirma Peter Stewart (2003), a quantidade de estátuas espalhadas por Roma, e principalmente na área capitolina, era tanta que Augusto removeu grande

²² De acordo com T. J. Luce (1990), Suetônio estaria errado ao afirmar que todos usavam roupas triunfais, pois foram encontrados fragmentos de estátuas togadas, e daqueles cujos *elogia* sobreviveram, nem Appius Claudius Caecus nem L. Albinus celebraram triunfos.

²³ Proximum a dis immortalibus honorem memoriae ducum praestitit, qui imperium p. R. ex minimo maximum reddidissent. Itaque et opera cuiusque manentibus titulisset et statuas omnium triumphali effigie in utraque fori sui porticu dedicavit, professus est edicto: commentum id se, ut ad illorum ... uelut ad exemplar et ipse, dum uiueret, et insequentium aetatum principes exigerentur a ciuibus.

²⁴ Underlying this ‘exemplary’ view of the past is the assumption that the past occupies a space of experience continuous with or homologous to the present, and therefore lies open to immediate apprehension by present actors. This homology or continuity – the framework that compellingly subsumes and connects past and present – is primarily *ethical*, since the moral values (piety, valor, trustworthiness, prudence, etc.) embodied in past actions are assumed to remain constant and diachronically valid.

²⁵ “Augustus’ Gallery of Heroes was a place of memory, but was meant above all as a place of instruction. It displayed the past, but its message was for the present and for the future”.

²⁶ Na verdade, um destes feitos, isto é, a vingança ao assassinato de César, não foi realizado apenas por Augusto, pois neste período ainda existia o triunvirato.

parte destas. No entanto, para este autor, o motivo da remoção destas estátuas se deveu não apenas ao fato de aquela região estar congestionada, mas também ao desejo do Imperador de limitar a autopromoção individual da aristocracia romana. Segundo Stewart, o Capitólio era o local mais privilegiado para a exibição estatutária, de forma que o mais provável é que “Augusto desejou remover as imagens de *nobiles* que não pertenciam ao passado reinventado e também, talvez, evitar a futura ereção de estátuas por potenciais rivais” (Stewart, 2003, p. 132).²⁷

Sobre esta mesma temática, Geiger afirma que:

A reconstrução de Roma por Augusto incluiu, naturalmente, não só a restauração de edifícios públicos degradados e a construção de novos, mas também uma total reorganização do espaço urbano, a remoção da decadência e uma reestruturação de toda a área dos espaços públicos da cidade. É evidente que o estado desordenado das estátuas romanas teve que mudar: estátuas tiveram que ser removidas, arregimentadas, ou ambas. É aqui que a solução envolvendo o novo Fórum deve ter ocorrido a Augusto – ou a alguém próximo a ele. [...] Tem sido sugerido que a falta de espaço era apenas uma razão secundária, a motivação principal é que esse acúmulo desordenado não se conformava com o programa do seu Fórum (Geiger, 2008, p. 74-75, tradução nossa).²⁸

Seja como for, o que ficou conhecido com a galeria dos heróis era a materialização arquitetônica de um dos aspectos ao qual Augusto ligou sua imagem ao longo de seu governo, ou seja, a valorização e restauração do *mos maiorum* e das antigas tradições, pois as estátuas honoríficas de importantes figuras republicanas o ligavam à história de Roma desde sua fundação, tal como ele a representou, seja por pertencer à mesma linhagem divina de Enéias e Rômulo, por exemplo, seja por possuir as mesmas virtudes que os *summi viros* corporificavam, pois, como defende Brad Johnson (2001, p. 65), Augusto pode ter escolhido as pessoas que seriam representadas nos pórticos “[...] porque cada uma exemplificava uma ou mais das quatro virtudes que ele tinha sido homenageado²⁹ por possuir, e sobre a qual aparentemente ele modelou

sua vida”.³⁰ De acordo com Alain M. Gowing,

Imagem e texto aqui trabalham juntos para apresentar uma memória relativamente fixa de um grupo muito seleto de homens; ambos os meios, escultura e inscrição, pela sua natureza sugerem um sentido de permanência e continuidade. [...] O objetivo da galeria, contudo, era colocar o novo Imperador e sua família num jogo visual com aqueles personagens republicanos com quem ele desejava ser mais intimamente associado [...] (Gowing, 2005, p. 139-145, tradução nossa).³¹

No que se refere aos *summi viros* e suas virtudes, devemos lembrar que os mesmos encontravam-se dispostos em nichos retangulares na parede que fechava ambos os pórticos. Tais nichos ficavam posicionados entre colunas e possuíam as estátuas honoríficas, em mármore e de corpo inteiro, destes grandes homens vestidos, em sua grande maioria, com roupas triunfais. Abaixo de cada estátua um breve *titulus* continha o nome do indivíduo e um longo *elogium* que recontava os serviços de cada um para a República. Tanto os *tituli* quanto os *elogia* eram inscritos em mármore (Figura 2).

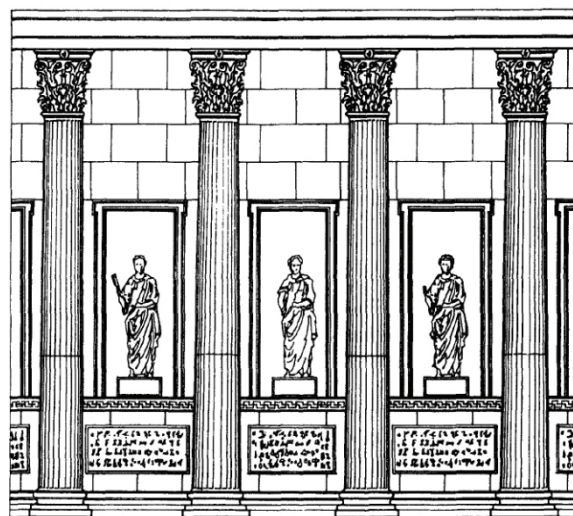


Figura 2. Reconstrução da galeria dos *summi viros* no Fórum de Augusto, mostrando as estátuas honoríficas com placas detalhando suas realizações (Shaya, 2013, p. 87).

Como já afirmamos, a galeria dos *summi viros* materializava parte da história de Roma, servindo como uma verdadeira aula sobre o passado glorioso da *Vrbs*.

²⁷ “Augustus wished to remove the images of *nobiles* who did not belong in the reinvented past and also perhaps to prevent future erection of statues by potential rivals”.

²⁸ The reconstruction of Rome by Augustus included of course not only the restoration of dilapidated public buildings and the erection of new ones, but also a total reorganization of urban space, removal of decay and a restructuring of the entire area of the public spaces of the city. Clearly the disorderly state of Roman statuary had to change: statues had to be removed, regimented, or both. It is here that the solution involving the new Forum must have occurred to Augustus—or to somebody near to him. [...] It has been suggested that lack of space was only a secondary reason, the main motivation being that this disorderly accumulation did not conform with the programme of his Forum.

²⁹ Trata-se do escudo de ouro, ou escudo das virtudes (*clupeus uirtutis*), que foi posto na Cúria Júlia, cuja mensagem inscrita sobre ele homenageava a virtude, a clemência, a justiça e a piedade de Augusto para com os deuses e a pátria.

³⁰ “[...] because they each exemplified one or more of the four virtues which he had been honoured for possessing, and upon which he apparently modeled his life”.

³¹ Image and text here work together to present a fairly fixed memory of a very select group of men; both media, sculpture and inscription, by their very nature suggest a sense of permanence and continuity. [...] The aim of the gallery, however, was to put the new emperor and his family into visual play with those Republican characters with whom he wished to be most closely associated.

Augusto produziu uma versão da história romana, que era ao mesmo tempo atraentemente acessível ao maior número possível de cidadãos, e que também apresentava a eles a interpretação correta dos acontecimentos. Era para ser uma história cuja moral não se perderia para ninguém. A sua função de instruir e ensinar as lições adequadas para o futuro não era para ser deixada ao acaso, mas era para ser expressa de forma claramente compreensível (Geiger, 2008, p. 71-72, tradução nossa).³²

Como nos esclarece Josephine Shaya (2013), o Fórum de Augusto ofereceu o que talvez fosse a coisa mais próxima de uma lição formal de história romana que parte da população poderia encontrar. Esta autora lembra que na Roma Antiga

Os textos de história eram raros e difíceis, ou melhor, impossíveis, para a maioria ler. O Fórum de Augusto ofereceu outro tipo de história – história pública, visando uma ampla audiência dentro dos espaços públicos. Os seus materiais incluíam inscrições, imagens e construções; foi visto, ouvido e lido; seu público era todo mundo [...]. Como a própria criação do *summi uiri* mostra, a pessoa na rua estava interessada na história e conhecia histórias do passado em parte por causa do que ele ou ela ouviu e viu em espaços públicos (Shaya, 2013, p. 92, tradução nossa).³³

Devido ao estado atual do Fórum, que se encontra em ruínas e sem ter sido completamente escavado, nós não podemos precisar o número exato de nichos e/ou das estátuas existentes nos pórticos, quando de sua inauguração no período de Augusto. Além disso, acredita-se que se tenha deixado nichos vazios para futuros ocupantes. Os fragmentos dos *elogia*, bem como as cópias³⁴ encontradas em outras localidades nos permitem ter uma ideia do que estava escrito em algumas destas inscrições, de modo que Johnson afirma que:

Os *elogia* de vinte e oito indivíduos foram identificados a partir do Fórum. Este número, no entanto, reflete apenas os indivíduos cujas inscrições podem ser reconstruídas com confiança. As fontes literárias revelam que outros indivíduos foram

homenageados no Fórum de Augusto, mas estes *elogia* não sobreviveram (Johnson, 2001, p. 7).³⁵

Ainda de acordo com Johnson (2001) os *elogia* do Fórum de Augusto possuíam cinco características que podem ser assim identificadas: 1) nomenclatura; 2) lista de magistraturas exercidas; 3) conquistas militares; 4) realizações pessoais ou civis; e 5) programas de construção ou outras informações. Cada inscrição parece ter incluído, pelo menos, três dos componentes. Os dois primeiros, nomenclatura e magistraturas, provavelmente estavam presentes em todas as inscrições; os três restantes, no entanto, ocorreriam em várias combinações e com uma frequência variável.

Johnson (2001) explica cada uma dessas cinco seções que ele elencou em seu trabalho, de modo que, segundo ele, a nomenclatura de tais *elogia* segue a seguinte estrutura: os nomes são dados no nominativo, *praenomina* são abreviados, os *gentilicia* são fornecidos, e a filiação é indicada através do uso de patronímicos. *Cognomina* foram incluídos, e, em alguns casos, *cognomina* adicionais foram acrescentados na nomenclatura. As magistraturas listadas nos *elogia* que chegaram até nós, e aqueles que podem ser determinados a partir de outras fontes, revelam que a maior parte dos *summi uiri* desempenhou as funções mais importantes de Roma. É possível que *sacerdotia* tenham sido incluídos nos *elogia*, a fim de salientar a importância religiosa e as funções do Fórum. A terceira seção dos *elogia* se concentra nas conquistas militares dos *summi uiri*. Nesta seção, vitórias militares, batalhas importantes, a captura de cidades, a subjugação dos inimigos de Roma e a celebração de triunfos são mais frequentemente mencionadas.

Esta seção também registra as ações que foram realizadas em um contexto militar, mas que não aderem aos temas comuns citados anteriormente. A quarta seção dos *elogia* apresenta o que tem sido chamado de *exemplum uirtutis*. Este 'exemplo de virtude' foi a principal razão pela qual o indivíduo foi homenageado no Fórum com uma estátua acompanhada do *elogium*, e foi esse tipo de comportamento que Augusto desejou que os futuros líderes de Roma imitassem. O componente final dos *elogia* não é comum a todas as inscrições, mas naqueles que incluem esta parte, dois temas parecem ser comuns. Um lida com programas de construção patrocinados pelos *summi uiri* e o outro se concentra em honras especiais e posições que foram concedidas a determinados indivíduos (Johnson, 2001).

³² Thus Augustus produced a version of Roman history that was both attractively accessible to the greatest possible number of citizens, and also presented to them the one correct rendition of events. It was to be an history whose moral would not be lost on anybody. Its function to instruct and to teach the appropriate lessons for the future was not to be left to chance, but it was to be expressed in a clearly comprehensible manner.

³³ History texts were rare and difficult, or rather, impossible, for most to read. The Forum of Augustus offered another kind of history—public history, aimed at a broad audience within public spaces. Its materials included inscriptions, images, and buildings; it was seen, heard, and read; its audience was everyone [...]. As the very creation of the *summi uiri* shows, the person in the street was interested in history and knew stories of the past in part because of what he or she heard and saw in public spaces.

³⁴ Algumas, se não todas, estátuas e *elogia* exibidos no Fórum foram duplicados e colocados em vários municípios em toda a Itália e em outros lugares. Essas cidades, como resultado de doações privadas ou voto público, optaram por erguer monumentos inspirados ou modelados a partir daqueles em Roma. Como resultado, cópias dos *elogia* foram recuperadas nas cidades de Arezzo, Pompéia e Lavínio. Estas reproduções ajudaram na restauração das inscrições encontradas no Fórum (Johnson, 2001).

³⁵ The *elogia* of twenty-eight individuals have been identified from the Forum. This number, however, reflects only those individuals whose inscriptions may be reconstructed with confidence. The literary sources reveal that other individuals were honoured in the Forum by Augustus, but these *elogia* have not survived.

No que se refere às inscrições que ficavam abaixo das estátuas dos *summi uiri* é importante destacar que o fato de grande parte da população ser iletrada não diminuía a função didática e instrutiva do Fórum de Augusto, haja vista que tais inscrições poderiam ser lidas para uma audiência e assim ser compartilhadas com muitos. Além disso, muitos daqueles que não conseguiam ler as inscrições eram capazes de decodificar certas características iconográficas presentes em algumas estátuas, já que alguns motivos iconográficos eram amplamente difundidos e vistos como padrão na representação de algumas personalidades, como, por exemplo, a representação de Eneias carregando o pai no ombro e puxando o filho pela mão. Nesta mesma perspectiva, Shaya (2013) esclarece que:

Enquanto alguns espectadores podiam ler ou, pelo menos, juntar partes de inscrições, como os nomes, aqueles que não conseguiam fazer isso podiam 'ler' o tamanho dos textos, a iconografia das imagens, o número de textos e imagens, e a narrativa visual da vasta coleção 'escrita' na arquitetura do fórum (Shaya, 2013, p. 92, grifo do autor, tradução nossa).³⁶

Com relação aos autores que teriam influenciado a escolha dos *summi uiri*, e a escrita dos *elogia*, podemos citar: Marco Terêncio Varrão, Cornélio Nepos e Tito Pompônio Ático, além de Tito Lívio e Virgílio:

A atividade dos quase contemporâneos Varrão, Nepos e Ático reflete a nova consciência histórica do fim da República. [...] Varrão e Nepos escolheram, cada um à sua maneira, lidar com centenas de figuras de várias esferas da vida, a política e militar sendo apenas uma, e não necessariamente a mais importante, entre elas, enquanto Ático, o amigo íntimo e conselheiro de aristocratas politicamente ativos, lidou com a genealogia da nobreza ou de alguns de seus membros escolhidos (Geiger, 2008, p. 36-37, tradução nossa).³⁷

O trabalho de tais biógrafos teria, desta maneira, influenciado a escolha dos *summi uiri* e a escrita dos *elogia*, de forma que Johnson (2001), que trata sobre dois destes três biógrafos, Varrão e Ático, como possível fonte de inspiração, acredita que as obras destes dois biógrafos romanos e a forma de apresentação que eles empregaram podem ter influenciado a maneira em que a estatuária e as inscrições foram exibidas no Fórum.

³⁶ While some viewers were able to read or at least piece together parts of the inscriptions, such as the names, those unable to do so could 'read' the size of the texts, the iconography of the images, the number of texts and images, and the visual narrative of the vast collection 'written' into the architecture of the forum.

³⁷ The activity of the near-contemporaries Varro, Nepos and Atticus reflects the new historical consciousness of the end of the Republic Varro and Nepos chose, each in his own way, to deal with hundreds of figures from many walks of life, the political and military being just one, and not necessarily the most prominent, among them, while Atticus, the intimate friend and adviser of politically active aristocrats, dealt with the genealogy of the nobility or of some of its chosen members.

T. J. Luce (1990), que trata sobre a relação entre a obra de Tito Lívio e o Fórum de Augusto, vê como certa a influência de um sobre o outro, e embora ressaltando que cada um foca em aspectos diferentes, o autor demonstra como eles se relacionam, afirmando, inclusive, que o Fórum de Augusto e a *Ab Urbe Condita* foram os dois mais famosos monumentos à história republicana na era de Augusto (Luce, 1990). Este autor afirma também que

Em um ponto, em particular, Tito Lívio e Augusto estavam em acordo enfático: a história foi o grande repositório de *exempla*³⁸ pelo qual se pode modelar a própria vida e com a qual se pode medir o valor das próprias contribuições. As observações de Lívio em seu prefácio (X) coincidem com a fé do Imperador no poder dos *exempla* na vida romana (Luce, 1990, p. 129, tradução nossa).³⁹

No que se refere a Virgílio, Johnson (2001) defende que sua obra, *Eneida*, foi a que maior influência teria exercido sobre Augusto e a disposição dos *summi uiri* em seu Fórum, afirmando que podem ser vistas semelhanças entre passagens do livro seis e sete com o *layout* do Fórum.

Influências à parte, o Fórum de Augusto permitiu que um passado exemplar fosse disponibilizado à população por meio de um suporte perene, ou seja, em pedra, sendo facilmente visualizado por todos aqueles que buscavam o Fórum para as mais variadas atividades, se constituindo, assim, num lugar de memória, de instrução, de sociabilidade e de compartilhamento.

Considerações finais

O Fórum de Augusto expôs magistralmente uma história de Roma recriada pelo *Princeps* e pelos que o cercavam, na qual ele e sua família possuíam papel de destaque. A história romana materializada no seu Fórum, trazendo aos olhos de todos um passado exemplar, representado pelas estátuas honoríficas de grandes homens com seus *elogia* resumindo seus feitos, buscava manter vivo na memória de todos o nome de Augusto enquanto legítimo sucessor dos grandes homens do passado, de tal modo que ele figurava como o exemplo maior a ser seguido.

Com isso, as personalidades que foram escolhidas para figurar na galeria dos *summi uiri* deviam contribuir na associação da imagem de Augusto com as virtudes com as quais ele buscou se

³⁸Geiger (2008) também trata acerca da importância dos *exempla*, vendo-os como uma fonte que deve ter influenciado de alguma forma a seleção dos *summi uiri*.

³⁹ On one point in particular Livy and Augustus were in emphatic agreement: history was the great repository of *exempla* by which one might pattern one's life and against which one might measure the worth of one's own contributions. Livy's remarks in his preface (10) coincide with the emperor's faith in the power of *exempla* in Roman life.

vincular ao longo de todo o seu governo. Em seu Fórum, Augusto figurava como o exemplo maior, aquele que superava a todos com seus feitos, com suas virtudes e com sua *auctoritas*.

O Fórum de Augusto e em seu interior o templo de *Mars Ultor*, representaram claramente uma importante característica que a arquitetura, especialmente dos edifícios públicos, possuía na Antiguidade, qual seja a de funcionar como lugar de memória, um lugar onde a memória é conservada, onde a memória trabalha de modo que seja evitado o esquecimento. Em se tratando do Fórum de Augusto, além de ser um lugar de memória, era também um lugar de instrução, que possibilitava a aquisição de conhecimentos acerca de um passado exemplar, selecionado e recriado por Augusto e seu grupo de apoio. Neste complexo arquitetônico, a imagem de Augusto estabelecia uma relação dupla com a memória, pois tanto se ligava com a história de Roma e a memória de um passado exemplar, que deveria ser emulado, quanto se projetava na memória das futuras gerações, inscrevendo seu nome e seus feitos na imortalidade, e assumindo o lugar de exemplo maior o ser imitado pelos vindouros.

Referências

- Augustus. (1961). *Res gestae divi Augusti*. (F. W. Shipley, trad.). Harvard, UK: University Press.
- Candau, J. (2011). *Memória e identidade*. (Maria Leticia Ferreira, trad.). São Paulo, SP: Contexto.
- Favro, D. (1988). The roman forum and roman memory. *Places*, 5(1), 17-24.
- Flower, H. I. (1996). *Ancestor masks and aristocratic power in roman culture*. Oxford, UK: Clarendon Press.
- Galinsky, K. (1998). *Augustan culture: an interpretive introduction*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Geiger, J. (2008). *The first hall of fame: a study of the statues in the forum Augustum*. Leiden, NL: Brill.
- Gowing, A. M. (2005). *Empire and memory: the representation of the roman republic in imperial culture*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Haselberger, L. (2007). Urbem adornare: Rome's urban metamorphosis under Augustus. *Journal of Roman Archaeology*, 1(Suppl. 64), 6-288.
- Johnson, B. (2001). *The elogia of the Augustan forum* (Dissertação de Mestrado). School of Graduate Studies, McMaster University, Hamilton, ON.
- Luce, T. J. (1990). Livy, Augustus, and the Forum Augustum. In K. A. Raafaub, & M. Toher (Ed.). *Between republic and empire: interpretations of Augustus and his principate* (p. 123-138). Berkeley, CA: University of California Press.
- Orlin, E. (2002). *Temples, religion, and politics in the roman republic*. Boston, MA: Brill Academic Publishers.
- Orlin, E. (2007). Augustan religion and the reshaping of roman memory. *Arethusa*, 40(1), 73-92.
- Ovid. (1931). *Fasti*. (James G. Frazer, trad.). Harvard, UK: University Press.
- Revell, L. (2009). *Roman imperialism and local identities*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Rich, J. W. (1998). Augustus' Parthian Honours: the temple of Mars Ultor and the arch in the Forum Romanum. *Papers of British School of Rome*, 1(66), 71-128.
- Roller, M. B. (2009). The exemplary past in roman historiography and culture. In A. Feldherr (Ed.). *The Cambridge companion to the Roman Historians* (p. 214-230). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Scheid, J. (2003). Cults, myths, and politics at the beginning of the empire. In C. Ando (Ed.), *Roman religion* (p. 117-138). Edinburgh, UK: Edinburgh University Press.
- Shaya, J. (2013). The public life of monuments: the *summi viri* of the forum of Augustus. *American Journal of Archaeology*, 117(1), 83-110.
- Stamper, J. W. (2005). *The architecture of roman temples: the republic to the middle empire*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Stewart, P. (2003). *Statues in roman society: representation and response*. New York, NY: Oxford University Press.
- Suetonius. (1914). *Life of Augustus*. In G. Suetonius. *Lives of the Caesars* (J. C. Rolfe, trad.) London, UK: William Heinemann.
- Sumi, G. S. (2005). *Ceremony and power: performing politics in Rome between republic and empire*. Michigan, MI: University of Michigan Press.
- Vitruvius. (1960). *The ten books on architecture* (M. H. Morgan, trad.) New York, NY: Dover Publications.
- Watkin, D. (2009). *The roman forum*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Zanker, P. (2005). *Augusto y el poder de las imagines*. Madrid, ES: Alianza Forma.

Received on November 8, 2017.

Accepted on December 13, 2017.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Ana Teresa Marques Gonçalves: Professora Associada IV de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Goiás. Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo, mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo e graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista produtividade II do CNPq e coordenadora do LEIR-GO. É autora e coordenadora de livros e coletâneas no Brasil e no exterior e de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

E-mail: anateresamarquesgoncalves@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6020-3860>

Macsuelber de Cássio Barros da Cunha: Doutorando em História na Universidade Federal de Goiás, mestrado e graduação pela mesma universidade. Bolsista Capes. Desenvolve pesquisa em História Antiga sobre a escrita do *De Architectura*, de Vitruvius, no período augustano.

E-mail: macsuelber@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9448-8734>

NOTA:

Ana Teresa Marques Gonçalves e Macsuelber de Cássio Barros da Cunha foram responsáveis pela concepção, análise e interpretação dos dados; redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e ainda, aprovação da versão final a ser publicada.